

Usos da perífrase *ir* + Infinitivo em dissertações de mestrado: um olhar estilístico-funcional no enquadre do gênero discursivo

Usos de la perífrasis ir + Infinitivo en disertaciones de maestría: una mirada estilístico-funcional en el contexto del género discursivo

Uses of the periphrasis ir + Infinitive in master's dissertations: a stylistic-functional look in the context of the discursive genre

Kerolyn Pereira Sarate¹

 [0009-0003-0705-5418](https://orcid.org/0009-0003-0705-5418)

Edair Maria Görski²

 [0000-0002-0797-1243](https://orcid.org/0000-0002-0797-1243)

RESUMO: Os objetivos deste artigo são i) refletir sobre a relação entre diferentes instâncias do gênero discursivo e estilo, bem como sobre a multifuncionalidade e formas da perífrase *ir* + Inf; e ii) ilustrar essas reflexões com uma análise de caráter estilístico-funcional. Numa perspectiva funcionalista (TRAUGOTT, 2001) e discursiva (BAKHTIN, 2011a), foram analisadas 12 dissertações de mestrado das áreas de Linguística, Direito e Matemática, e os principais resultados mostram que i) tanto a perífrase “*ir* (presente) + Inf” como “*ir* (futuro) + Inf” ocorrem, na grande maioria das dissertações, como variantes na função de tempo futuro do presente; ii) as *áreas de conhecimento* exibem particularidades de uso; iii) a subfunção metadiscursiva pode ser vista como característica do *gênero*; e iv) *os(as) autores(as)* nem sempre seguem a média de usos das respectivas áreas, mostrando *estilos individuais* seja quanto às formas, seja quanto às (sub)funções. Conclui-se que o estilo permeia todas as instâncias do gênero, na tensão entre a regularidade e a singularidade; a agência do sujeito pode interferir na relativa estabilidade do gênero; formas e funções (e suas correlações) são recursos mobilizados no acabamento estilístico-composicional do gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Esfera acadêmica; Formas e funções; Estilo.

ABSTRACT: The objectives of this article are i) to reflect on the relationship between different instances of discursive genre and style, as well as on the multifunctionality and forms of *ir* (go) + Inf periphrasis; and ii) to illustrate these reflections with a stylistic-functional analysis.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. kerolynsarate14@gmail.com

² Professora no Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. edagorski@hotmail.com

From a functionalist (TRAUGOTT, 2001) and discursive (BAKHTIN, 2011a) perspective, 12 master's dissertations in the areas of Linguistics, Law and Mathematics were analyzed, and the main results show that i) both types of periphrases – “*ir* (present) + Inf” and “*ir* (future) + Inf” – occur, in the vast majority of dissertations, as variants in the function of the present future tense; ii) the *areas of knowledge* display particularities of use; iii) the metadiscursive subfunction can be seen as a characteristic of the *genre*; and iv) *the authors* do not always follow the average usage of the respective areas, showing *individual styles* either in terms of forms or in terms of (sub)functions. It is concluded that style permeates all instances of the genre, in the tension between regularity and singularity; the subject's agency may interfere with the relative stability of the gender; forms and functions (and their correlations) are resources mobilized in the stylistic-compositional finishing of the genre.

KEYWORDS: Academic sphere; Forms and functions; Style.

RESUMEN: Los objetivos de este artículo son: i) reflexionar sobre la relación entre diferentes instancias de género y estilo discursivo, así como la multifuncionalidad y formas de la perífrasis *ir* + Inf; y ii) ilustrar estas reflexiones con un análisis estilístico-funcional desde una perspectiva funcionalista (TRAUGOTT, 2001) y discursiva (BAKHTIN, 2011a). Se analizaron 12 disertaciones de maestría en las áreas de Lingüística, Derecho y Matemáticas, y los principales resultados muestran que i) tanto la perífrasis “*ir* (presente) + Inf” como “*ir* (futuro) + Inf” ocurren, en la gran mayoría de disertaciones, como variantes del tiempo futuro del presente; ii) las áreas de conocimiento presentan particularidades de uso; iii) la subfunción metadiscursiva puede verse como característica del género; y iv) los autores no siempre siguen el uso promedio de las respectivas áreas, mostrando estilos individuales, ya sea en términos de formas o en términos de (sub)funciones. Se concluye que el estilo individual permea todas las instancias del género, en la tensión entre regularidad y singularidad; la agencia del sujeto puede interferir con la relativa estabilidad del género; formas y funciones (y sus correlaciones) son recursos movilizados en el refinamiento estilístico-compositivo del género.

PALABRAS CLAVE: Ámbito académico; Formas y funciones; Estilo.

Introdução

A perífrase verbal formada pelo auxiliar *ir* seguido de verbo no infinitivo (*ir* + Inf) – como em *vamos mostrar/iremos mostrar* – tem sido objeto de estudo em inúmeros trabalhos sobre o português do Brasil (PB), sob diferentes abordagens teóricas voltadas para a língua em uso, que tomam como amostras gêneros textuais/discursivos diversos, contemplando entrevistas sociolinguísticas, peças teatrais, romances, cartas, documentos oficiais, textos jornalísticos etc. (cf. levantamento detalhado feito por Gibbon (2014), Bragança (2017) e Sarate (2023). Vale notar que os trabalhos examinados pouco dizem sobre a forma *ir* (futuro) + Inf que, quando mencionada, costuma ser tratada juntamente com *ir* (presente) + Inf sob o rótulo de forma perifrástica.

Além dos *gêneros* – que em geral são tomados ora como variável independente, ora como critério definidor das amostras – também o *estilo* é evocado em alguns dos estudos, notadamente associado a níveis de formalidade e à modalidade (oral/escrita). A questão dos gêneros e do estilo, portanto, está presente, explícita ou implicitamente, nesses trabalhos.

A forma perifrástica *ir* + Inf costuma ser associada, em geral, a registro informal e a gêneros da oralidade (como entrevistas sociolinguísticas) e, com menor frequência, a outros gêneros no entremeio do *continuum* fala-escrita (MARCUSCHI, 2010), como é o caso de histórias em quadrinhos, diálogos em romances (SILVA, 2010) e peças teatrais (GIBBON, 2014; MALVAR; POPLACK, 2008). Como dissertações de mestrado são um tipo de texto acadêmico que se caracteriza por uma linguagem escrita padrão formal³, há uma expectativa de que o aparecimento da perífrase seja bastante restringido em dissertações.

Ocorre, no entanto, que a forma perifrástica tem mostrado uma certa produtividade nesse tipo de texto acadêmico, como evidencia Sarate (2023), analisando *dissertações de mestrado* das áreas de Linguística (LIN), Matemática (MAT) e Direito (DIR). Sarate (2019) e Simioni, Gomide e Sarate (2020) já tinham atestado a presença da perífrase também em *artigos acadêmicos* de diferentes áreas, bem como diferenças de frequência nos usos entre as áreas de conhecimento.

Gostaríamos de destacar do estudo de Sarate (2023) e trazer à discussão neste artigo três aspectos que requerem um olhar mais atento: a *multifuncionalidade* da perífrase, cuja significação semântico-pragmática perpassa o complexo domínio funcional de tempo-aspecto-modalidade (TAM); o uso de duas *formas* de perífrase – *ir* (presente) + Inf e *ir* (futuro) + Inf; e o *uso estilístico de formas e funções* sensível tanto a aspectos relacionados ao gênero dissertação como às áreas de conhecimento e ao objeto estudado, bem como a escolhas subjetivas do indivíduo.

Baseando-nos nas ideias de que i) o gênero deve ser visto como “um quadro

³ Chamamos a atenção para três tipos de gradiência, de natureza distinta, que se entrecruzam e não devem ser confundidos, cujos polos são: informal – formal (registro); fala – escrita (modalidade); não padrão – padrão (variedade). Dissertações de mestrado situam-se no espectro dos polos à direita.

para a compreensão da prática discursiva”⁴ (BAUMAN, 2001, p. 58); ii) os gêneros comportam regularidades e singularidades, usos sociais e históricos, mas também usos evênticos (LACERDA; GÖRSKI, 2022); e iii) a abordagem do estilo deve contemplar não somente as formas linguísticas, mas também sua multifuncionalidade e respectiva frequência de uso (TRAUGOTT, 2001), buscamos refletir sobre a relação entre a) diferentes instâncias do gênero discursivo e estilo; e b) a multifuncionalidade da perífrase *ir* + Inf, suas formas de expressão e contextos de uso – ilustrando as reflexões com uma análise de caráter estilístico-funcional.

Instâncias do gênero discursivo e estilo: aspectos teórico-conceituais

Gêneros discursivos são definidos, em uma abordagem dialógica da linguagem, como “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2011a, p. 262; grifo do autor), entendidos como unidades discursivas de comunicação. O enunciado é constituído por três elementos indissociados: o *conteúdo temático* (objeto de discurso e sentido atribuído), o *estilo* (seleção operada nos recursos da língua em seus diferentes níveis) e a *construção composicional* (organização do texto) – todos eles refletindo a especificidade da respectiva esfera, de modo que “o que é dito (o todo do enunciado) está sempre relacionado ao tipo de atividade em que os participantes estão envolvidos” (FARACO, 2009, p. 126).

A *esfera de atividade* que nos interessa é a acadêmica; o *gênero discursivo* focalizado é a dissertação de mestrado; as *áreas de conhecimento* científico consideradas são a Linguística, a Matemática e o Direito – instâncias que estão interligadas (esfera-gênero-área). O discurso científico é um gênero secundário que surge em “condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico etc.” (BAKHTIN, 2011a, p. 263). Discursos dessa natureza são caracterizados por “estilos neutros ou objetivos de exposição, concentrados ao

⁴ No original: “an understanding of genre as a framework for the comprehension of discursive practice”.

máximo em seu objeto”, que “produzem uma seleção de meios linguísticos não só do ponto de vista da sua adequação ao objeto do discurso mas também do ponto de vista do proposto fundo aperceptível do destinatário do discurso”, o que pressupõe “uma espécie de triunfo do destinatário sobre o falante” e uma limitação da expressividade do indivíduo (BAKHTIN, 2011a, p. 304). Por serem considerados, *grosso modo*, mais padronizados, os discursos científicos propiciam condições menos favoráveis para a expressão da subjetividade individual.

O aspecto que gostaríamos de salientar é o *caráter relativo da estabilização* dos tipos de enunciados:

o]s gêneros [...] comportam regularidades e singularidades, usos sociais e históricos, que servem de baliza para o dizer social, mas também usos evênticos, novidades, devido tanto a particularidades de cada uma das interações sociais, quanto à agentividade dos sujeitos, ao assumirem uma posição, quando tomam a palavra; e, desse modo, a noção de que os gêneros são formas típicas e normativas não contradiz a noção de que toda enunciação é singular, única e irrepitível, uma vez que a relativa estabilidade dos gêneros é conquistada (e não dada abstratamente) a cada uso particular. (LACERDA; GÖRSKI, 2022, p. 12, grifo do autor)

É nesse sentido que podemos entender que “[t]odo enunciado [...] pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, *pode ter estilo individual*” (BAKHTIN, 2011b, p. 265, grifo nosso). E é também nesse sentido que pode ser compreendida a afirmação de que “o estilo⁵ [...], embora sendo do gênero, pode receber diferentes acabamentos estéticos, já que depende, para se constituir, também das circunstâncias da interação” (LACERDA; GÖRSKI, 2022, p. 19). Em outras palavras, o estilo é constituído socialmente, já que é do gênero, mas também é individual, pois expressa a subjetividade do(a) autor(a).

No caso das dissertações de mestrado, embora façam parte de um único gênero discursivo no âmbito da esfera acadêmica, portanto comportam *regularidades* (a construção composicional, por exemplo, é relativamente enformada), os textos também apresentam *singularidades*, notadamente devido a especificidades temáticas de cada área, uma vez que “o caráter dos estilos

⁵ Note-se que, na concepção bakhtiniana, estilo é primeiramente “visão de mundo [implica um ponto de vista constituído sócio-historicamente] e só depois é o estilo da elaboração do material” (BAKHTIN, 2011b, p. 187).

neutro-objetivos (e, conseqüentemente, da concepção que lhes serve de base) é bastante diverso em função da diferença de campos da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011a, p. 304-305). De acordo com o autor, o *conteúdo temático* – objeto de discurso e seu sentido – *envolve, para além do assunto, uma dada situação sócio-histórica, o campo de atividade humana no qual se insere e a finalidade discursiva, entre outros aspectos.*

Assim, em uma instância mais ampla, a dissertação de mestrado é circunscrita pelas características do discurso científico, incluindo o perfil do destinatário, que é definido não só em termos de conhecimentos especializados, mas também de atitude responsiva em relação ao gênero; em uma instância mais local, é o conteúdo temático, em seus diferentes níveis, e a relação valorativa do(a) autor(a) (expressividade) com esse objeto que circunscrevem o enunciado, o estilo e a composição. Essas especificidades impactam a seleção de recursos linguísticos utilizados, interferindo no *acabamento estilístico-composicional* do gênero, o que sinaliza para o caráter evêntico e singular dos usos linguísticos.

Buscamos considerar as dissertações de mestrado à luz dessa concepção. Trata-se de um gênero da esfera acadêmica que é requisito obrigatório para obtenção do título de mestre, portanto o que dita a escolha do gênero é uma norma institucional. O gênero em questão é elaborado a longo prazo com suposto rigor no acabamento estilístico-composicional e passa por, no mínimo, duas revisões – do orientando (autor propriamente dito) e do orientador. O ponto de partida preestabelecido é, então, a esfera acadêmica e o gênero dissertação, que são sócio-historicamente constituídos. Na sequência, por escolha do sujeito, vem a área de conhecimento com suas especificidades, na qual se inscreve um dado objeto, seu sentido e finalidade discursiva.

O(a) autor(a)⁶ da dissertação, nesse caso, se situa numa posição entre o *convencional* – estabelecido pela esfera, pelo gênero, pela área de conhecimento e pelo leitor especializado; e o *agêntivo* – possibilitado pela margem de flexibilidade do gênero, espaço para a individualidade do sujeito. Nesse sentido, o estilo tem relação

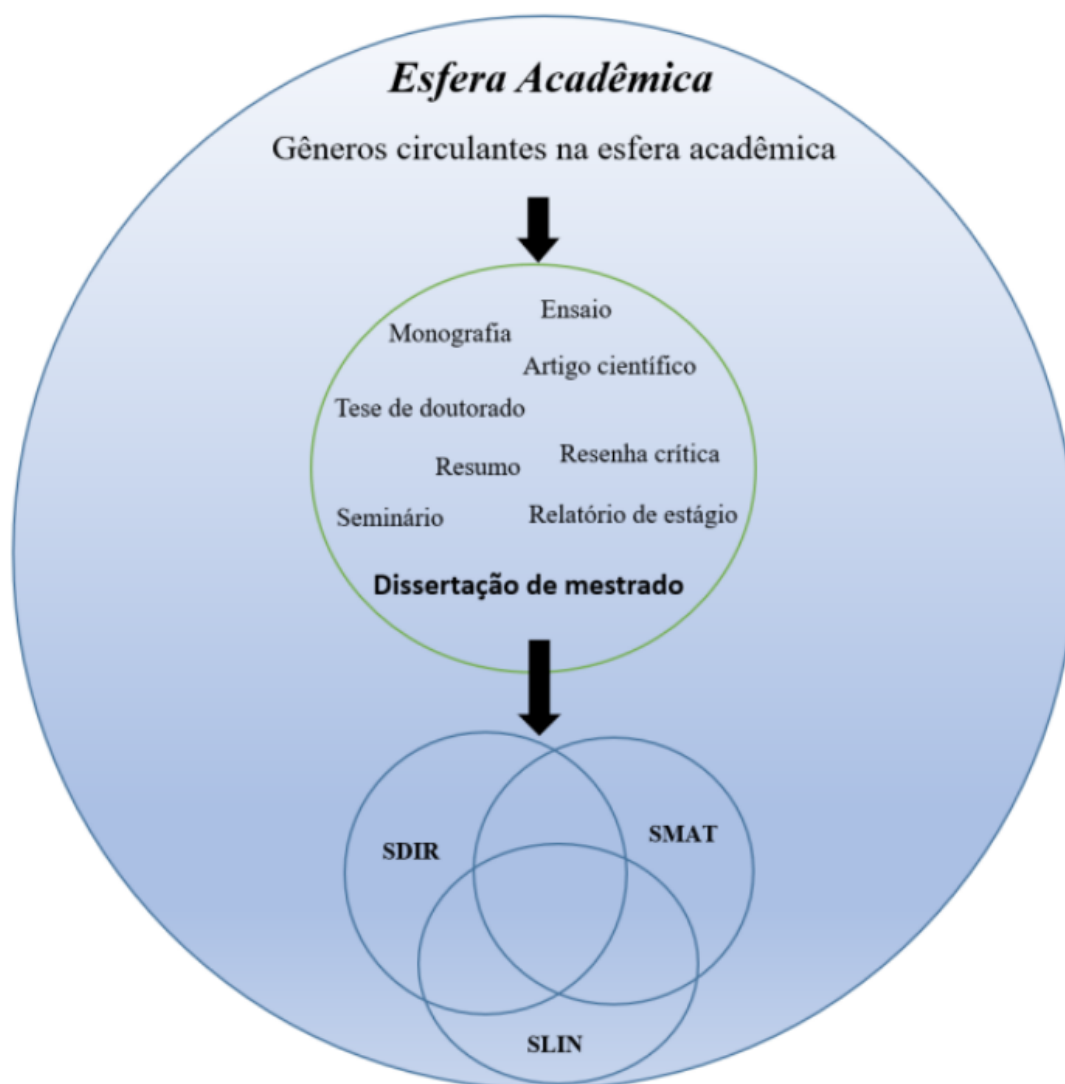
⁶ Note-se que a *autoria* da dissertação envolve, de fato, um processo compartilhado (pelo menos em certa medida) com o(a) orientador(a) e possivelmente também com o(a) revisor(a). É preciso ter em mente essa ressalva, adiante, ao considerarmos os resultados para o autor.

com todos esses elementos, os quais estamos considerando como *diferentes instâncias do gênero*.

A esfera acadêmica pode ser vista, pois, como uma grande esfera que abarca vários gêneros e que apresenta singularidades no gênero *dissertação de mestrado* a depender da área de trabalho do pesquisador, em termos do conteúdo temático envolvido: a Linguística se centra no estudo da estrutura e funcionamento das línguas naturais em suas diferentes modalidades; a Matemática se interessa por quantidades, medidas, cálculos e busca de padrões por meio de deduções rigorosas; e o Direito se volta para a dimensão jurídica e sua constituição histórica, operando com normas e regras que garantam a convivência social. De acordo com as dissertações examinadas por Sarate (2023), enquanto a Linguística apresenta um caráter mais expositivo-argumentativo e descritivo, o Direito é mais narrativo e expositivo-argumentativo e a Matemática é mais demonstrativa e descritiva.

Considerando a relação entre esfera e área de conhecimento, Sarate (2023) sugere que as áreas sejam tratadas como *subesferas*, nas quais o processo de textualização constitutivo do gênero apresenta especificidades, uma vez que atende a demandas interacionais particulares. A Figura 1 busca ilustrar a noção de multiníveis que caracteriza a configuração hierarquizada de esfera/gêneros/*subesferas*. A intersecção das *subesferas* mostra que as áreas compartilham *características estáveis* do gênero, mas também apresentam suas próprias *especificidades*. Além disso, no escopo de uma mesma área do conhecimento, o *objeto de estudo* selecionado em cada dissertação também influencia a mobilização de recursos linguísticos.

Figura 1 - Representação superordenada das *subesferas* LIN, DIR⁷ e MAT do gênero dissertação de mestrado na esfera acadêmica



Fonte: Sarate (2023, p. 97).

Tendo em vista a amostra de dissertações que dá suporte empírico às reflexões aqui apresentadas, assumimos que o estilo permeia todas as instâncias imbricadas do gênero discursivo, desde a esfera acadêmica, passando pelo gênero dissertação de mestrado, pelas *subesferas*/áreas e objetos de estudo, até as escolhas individuais. Assumimos também que o estilo é engendrado na tensão entre a regularidade e a singularidade, ou, nos termos de Coupland (2011, p. 139), na

⁷ A *subesfera* do Direito, no âmbito da esfera acadêmica, está naturalmente associada à esfera jurídica, mas não se confunde com esta, pois as finalidades de cada esfera são distintas.

tensão entre “restrição comunicativa” (o indivíduo é submetido a algum tipo de norma social) e “abertura comunicativa” (o indivíduo faz escolhas agentivas).

Usos da perífrase: formas e funções

Sarate (2023) examinou 12 dissertações – publicizadas nos períodos de 2000/2001 e 2020/2021 e disponíveis na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) –, distribuídas igualmente pelas áreas de LIN, MAT e DIR, nas quais a perífrase se faz presente ao lado da forma verbal de futuro simples (esta tomada como *default* para expressar futuro do presente nas dissertações).

Ambas as formas verbais resultam de processos de gramaticalização. A forma sintética deriva de uma forma analítica como se observa na sequência: *amare habeo* > *amarábeo* > *amaráveo* > *amaráeo* > *amarayo* > *amaray* > *amarei* (CASTILHO, 2010). A perífrase *ir* Inf, por sua vez, percorre um caminho de gramaticalização que envolve uma abstratização semântica e categorial: tem sua origem em construções em que *ir* funciona como verbo de movimento espacial em sentenças que indicam finalidade (como em *vou à fazenda para visitar João*); por reanálise, *ir* aparece como auxiliar de futuro com verbo principal de ação (como em *vou visitar João*); por fim, por analogia, se dá uma extensão da classe de verbos de ação para outros tipos de verbo (como em *vou ficar feliz*) e a perífrase passa a codificar tempo futuro (FLEISCHMAN, 1983; HOPPER; TRAUOGOTT, 2001).⁸

Inspirando-se no trabalho diacrônico de Gibbon (2014), Sarate (2023) buscou identificar as funções da forma perifrástica no amplo domínio funcional de tempo-aspecto-modalidade. Considerando o *contexto de uso* de cada ocorrência de *ir* + Inf, não apenas o circundante ao dado, mas também a dissertação como um todo, foram identificadas as seguintes (sub)funções no domínio funcional da futuridade⁹: de *tempo* – futuro do presente metadiscursivo, futuro do presente

⁸ Ainda não encontramos evidências que atestem o funcionamento diacrônico da construção específica *ir* (futuro) + infinitivo.

⁹ É feita uma distinção entre os termos *futuridade* e *tempo futuro*: o primeiro é mais abrangente e envolve valores de tempo-aspecto-modalidade; o segundo é mais restrito e se refere apenas ao valor

histórico, futuro do presente indeterminado, futuro do presente determinado e futuro do futuro; e de *modalidade deôntica* – imperativo. Tais (sub)funções são exemplificadas a seguir¹⁰, com os dois tipos de perífrase quando possível, e caracterizadas na sequência.

(1a) Inicialmente *vamos falar* das macrofunções principais, ‘ou seja’ e ‘aliás’, que possuem comportamentos semelhantes entre as suas respectivas funções, no que se refere ao escopo. (LIN2, 2001, p. 85) – *Futuro metadiscursivo*.

(1b) Através da capacidade de prévia ideação (MARX, 2010; LESSA, TONET, 2012), entendemos que pode o homem antecipar na consciência os fins de sua ação e realizá-la, portanto, para atender suas necessidades. Nesse processo, o homem objetiva a natureza, a medida em que ele transforma sua ação em propriedades do objeto. Se a natureza é anterior ao homem, como *iremos defender* (TONET, 2013), é a partir dessa transformação que a história natural passa a ser social – logo, a partir do trabalho (LIN3, 2020, p. 13) – *Futuro metadiscursivo*.

Em (1a)¹¹ e (1b)¹², as perífrases *vamos falar* e *iremos defender* expressam uma projeção espaço-temporal, orientando o leitor quanto à organização das informações em relação a algum ponto no texto, o que nos leva a interpretar tais usos como metadiscursivos.

(2a) Constata-se que, mesmo no período inicial de expansão do modelo taylorista/fordista (até início da década de 20) e no período de “compromissos e regulações”, com franca intervenção do Estado (Keynesianismo), toda a reorganização da produção e do capital se volta naturalmente para a eliminação de postos de trabalho. O Toyotismo, no Japão, reaprendido pelo ocidente, *vai significar* – com suas técnicas próprias – também um duro golpe na instituição do emprego (DIR1, 2000, p. 128) – *Futuro do presente histórico*.

(2b) Um rápido apanhado histórico do partido é feito por Lanchester, que indica o século XVIII inglês como o berço de uma concepção de *party government*, isto é, o partido de tipo particular (Burke, Hume, Bagehot) fortemente ligado a uma condição elitista e sectária da sociedade. Essa abrangência se expande com o alargamento do sufrágio ao final do século XVIII e o nascimento do Estado de massas *irá tomar* diversas formas entre autoritarismo e democracia ao longo do século XX (DIR3, 2020, p. 94) – *Futuro do presente histórico*.

Em (2a)¹³ e (2b)¹⁴, *vai significar* e *irá tomar* expressam uma projeção temporal futura em relação a um ponto de referência que foi deslocado do presente para o passado, de modo que o sistema de referência é colocado antes da enunciação e a

temporal. De modo similar, a *função de tempo futuro* envolve diferentes valores, vistos como *subfunções*. A noção de *domínio funcional* se aplica a diferentes níveis hierarquizados e interligados (GÖRSKI; TAVARES, 2017).

¹⁰ Os exemplos expostos foram extraídos do material de análise. A sigla é seguida pelo número de ordem da dissertação, pelo ano de publicização e pela p. do texto em que se encontra a ocorrência.

¹¹ LIN2: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80147>

¹² LIN3: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216345>

¹³ DIR1: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/79022>

¹⁴ DIR3: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220404>

situação codificada como futuro, de fato, já ocorreu, podendo ou não ser estendida para além do momento da enunciação.¹⁵

(3a/b) Dos seus órgãos auxiliares destaca-se o Comitê de Representantes Permanentes (COREPER), composto por embaixadores dos Estados-membros e um adjunto, sendo presidido pelo Presidente do Conselho da União Europeia, observando-se que é nessa instância que as atividades do Conselho são, de fato, realizadas. Caracteriza-se, esse Comitê, por ser um órgão técnico e político, a fim de apalpar diferenças e aparar arestas, diante de matérias controversas, que *vão ser decididas* em instância final pelo órgão maior, que é eminentemente uma esfera política de decisão. Aqui é que se desenvolvem as negociações, que posteriormente os membros do Conselho *irão apreciar* para dar um posicionamento final, e onde os interesses nacionais e comunitários se defrontam para alcançar um ponto de equilíbrio. (DIR2, 2001, p. 211) – *Futuro indeterminado*.

Em (3a/b)¹⁶, *vão ser decididas e irão apreciar* apontam para um futuro cuja referência temporal é indefinida, com os traços de intenção enfraquecidos, sendo suplantados por uma condição externamente imposta por uma esfera de decisão superior.

(4a) Por hipótese, podemos escrever $C = \text{soc}(C) \oplus A$ para algum R -módulo A . *Vamos mostrar* que $A = 0$. Suponha, por absurdo, que existe $x \in A$, $x \neq 0$ e considere o conjunto $J = \{r \in R / xr = 0\}$ que é um ideal à direita próprio de R . Considere também, o homomorfismo $f: R \rightarrow xR$ dado por $f(r) = xr$. Pelo teorema do homomorfismo, $\frac{R}{J} \cong xR$. Seja M um ideal à direita maximal de R tal que $J \subseteq M$. (MAT1, 2000, p. 43) – *Futuro determinado*.

(4b) Note que f_e^{-1} está definida apenas em R_e , apesar disso, com intuito de simplificar a notação, *iremos realizar* um pequeno abuso e escrever

$$\pi(e)(\emptyset) = \chi R_e \cdot \Phi_{f_e^{-1}}^{\frac{1}{2}} \cdot (\emptyset \circ f_e^{-1}).$$

(MAT3, 2020, p.16) – *Futuro determinado*.

Em (4a)¹⁷ e (4b)¹⁸, temos contextos de demonstração matemática¹⁹ e o ambiente imediato a *vamos mostrar* e *iremos realizar* contém verbos no modo imperativo (*suponha* e *considere*, no primeiro caso; e *note* no segundo). Isso poderia sugerir, especialmente em (4a), que o autor está convidando o leitor a participar do desenvolvimento do raciocínio e a perífrase equivaleria a *mostremos* (modalidade) e não a *mostraremos* (tempo). A decisão por considerar a perífrase como tempo futuro do presente determinado, nesse caso, deve-se ao fato de que, ao longo da

¹⁵ Consideramos como o momento da enunciação aquele em que a dissertação foi escrita.

¹⁶ DIR2: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/79895>

¹⁷ MAT1: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/78584>

¹⁸ MAT3: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216389>

¹⁹ Alguns exemplos da área de Matemática foram inseridos como figura, de modo a manter os símbolos matemáticos do texto original.

dissertação, em contextos similares, o autor não utiliza a forma verbal *mostremos*, mas sim *mostraremos*. Em ambos os exemplos, as perífrases apontam para uma ação imediata.²⁰

(5a) Se tomamos o teste do clítico anafórico, *vamos ver* que realmente nem todos os verbos que apresentam o experienciador na posição de sujeito aceitam o clítico anafórico. (LIN1, 2000, p. 27) – *Futuro do futuro*.

(5b) Se o processo não é orgânico e provém de uma imposição artificial em relação ao espírito daquela sociedade, isso *irá provocar* uma debilidade na ordem jurídica fundante e levará à corrosão do edifício normativo e institucional que se forma a partir desse momento. É o que acontece, para Mortati, na experiência de Weimar, que como veremos a seguir, ilustra e desenvolve de forma fundamental seu conceito de constituição material (DIR3, 2020, p. 59) – *Futuro do futuro*.

Em (5a)²¹ e (5b), *vamos ver* e *irá provocar* remetem a uma situação que é posterior a uma situação também hipotética, ambas codificadas num período composto, no caso expressando uma relação de condicionalidade.

(6) Demonstração: Verifiquemos que $f(Z(A)) = Z(f(A))$. Se $f(a) \in f(Z(A))$ então existe $I \in \mathcal{L}(R)$ tal que $aI = 0$. Assim, $f(a)I = 0$ e então $f(a) \in Z(f(A))$. Por outro lado, se $f(a) \in Z(f(A))$ então existe $I \in \mathcal{L}(R)$ tal que $f(a)I = 0$. [...] *Vamos supor* que $\tilde{f}(a + Z(A)) = \tilde{f}(b + Z(A))$ com $a, b \in A$. Então $f(a - b) \in Z(B)$. (MAT1, 2000, p. 64) – *Modalidade deôntica imperativa*.

Em (6), temos novamente um dado de Matemática em contexto de demonstração. Nesse caso, *vamos supor* equivale a *suponhamos*, forma verbal que também é usada pelo autor na dissertação, em contextos da mesma natureza, o que não ocorre com *suporemos*. O comportamento da perífrase é de modalidade deôntica imperativa²², chamando o leitor a fazer a suposição junto com o autor.

Algumas vezes tivemos dúvida acerca de qual função a perífrase estaria exercendo. É o caso de *vamos denotar* na ocorrência seguinte.

²⁰ Como bem observa um dos pareceristas, dados desse tipo podem ser interpretados como tendo uma nuance do futuro metadiscursivo, uma vez que, embora mais imediato que os casos prototípicos desse subdomínio, remetem a um futuro da/na própria tessitura do texto. Optamos, no entanto, por manter a leitura de futuro determinado, de modo a evidenciar essa particularidade da área de Matemática.

²¹ LIN1: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/78706>

²² O que estamos chamando de modalidade deôntica imperativa recobre não apenas dados de ordem clara, mas também convites, sugestões, que consistem em atos de fala manipulativos mais atenuados.

(7) Tomando $\alpha = rme$ e $\beta = un$ temos $\alpha, \beta \in R^*$ com $\alpha\alpha = e\beta$ e $b\alpha = f\beta$, isto é, $(a,b) \sim (e, f)$. Desta forma, $(a,b) \sim (e, f)$.

Vamos denotar por $[a, b]$ a classe de equivalência de (a, b) , ou seja, $[a, b] = \{(x,y) / (x,y) \sim (a,b)\}$. Seja $D = \{[a,b] / \alpha \in R, b \in R^*\}$. Definimos em D as seguintes operações de soma e produto: (MAT1, 2000, p. 08) – *Função ambígua*.

Nesse tipo de contexto, caberiam, a princípio, duas possibilidades de interpretação: como tempo futuro do presente determinado (= *denotaremos*) ou como modalidade deôntica imperativa (= *denotemos*). O entorno imediato do dado não ajuda a esclarecer esse aspecto. Uma busca pela dissertação toda mostra que o autor usa as formas verbais *denotaremos* e *denotemos* em contextos semelhantes, o que não oferece pista de solução. Casos desse tipo foram considerados como de *função ambígua*. Em Matemática, contextos de demonstração como esses mostram-se bastante recorrentes.

Os dados apresentados em caráter ilustrativo evidenciam a multifuncionalidade da perífrase, caracterizada por diferentes valores semântico-pragmáticos contextualmente depreendidos no amplo domínio funcional da futuridade. Consideramos que a função de *tempo futuro do presente* é a prototípica no escopo de futuridade que envolve TAM; que a subfunção temporal de *futuro determinado* seria atualmente a básica na expressão do tempo futuro do presente, dado o tipo de desenvolvimento diacrônico da perífrase (FLEISCHMAN, 1983); e que as demais subfunções seriam, em diferentes graus, marcadas, no sentido de mesclarem traços funcionais. Nesses casos, optamos por considerar o uso mais marcado.

Correlação entre usos da perífrase e instâncias do gênero discursivo

Como já mencionado anteriormente, assumimos que não só a forma da perífrase *ir* + Inf mas também suas (sub)funções são recursos estilísticos. Nesse sentido, fazemos coro a Traugott (2001) quando propõe que as funções acionadas pelas formas não podem ser desconsideradas num estudo estilístico, pois as diferentes funções semântico-pragmáticas interagem com funções socialmente

simbólicas ou estilísticas específicas. A autora chama a atenção para o fato de que *para compreendermos o estilo é preciso não apenas contabilizar as ocorrências das formas, mas também considerar sua multifuncionalidade e a frequência com que as funções são usadas pelos falantes.*

Antes de apresentarmos os resultados quantitativos que tencionamos analisar, tecemos algumas considerações sobre a composição da amostra de pesquisa. Como estava interessada, particularmente, na multifuncionalidade da perífrase (mais do que na forma verbal de futuro sintético), Sarate (2023) estabeleceu alguns critérios, cuja aplicação já nos dá indícios importantes acerca do uso dessa forma verbal no gênero discursivo em estudo: foi estabelecido, inicialmente, o número mínimo de 20 ocorrências de perífrase para que a dissertação fosse selecionada para análise, entretanto esse número precisou ser ajustado para sete em DIR, dada a baixa recorrência dessa construção na área. Em LIN, foi preciso examinar em torno de 37 dissertações para encontrar quatro que atendiam ao critério de número mínimo de 20 ocorrências; em MAT, de 13 dissertações, quatro atenderam a esse critério; e em DIR, cerca de 27 dissertações foram examinadas, quatro apresentaram o mínimo de sete ocorrências de perífrase.²³ Esse procedimento aponta que, dentre as dissertações esquadrihadas, Matemática se mostrou a área mais aberta ao uso da forma inovadora (embora na amostra selecionada Linguística tenha se destacado em termos de número absoluto de ocorrências, cf. Tabela 1) e o Direito, a área mais conservadora.

Isso posto, apresentamos na Tabela 1 a distribuição dos dois tipos de formas perifrásticas – *ir* (presente) + Inf e *ir* (futuro) + Inf – correlacionadas às áreas de conhecimento (com as dissertações individualizadas por autor(a))²⁴ e às subfunções temporais.

²³ As dissertações foram examinadas por ordem de disposição na página institucional dos respectivos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, nos anos escolhidos. Em razão dos critérios aplicados, a amostra selecionada apresenta um certo enviesamento, o que deve ser levado em conta na análise, particularmente no que diz respeito a eventuais generalizações. Observe-se que o alto número de dissertações desconsideradas não significa, contudo, que haja ausência de contextos de futuridade ou de tempo futuro, e sim ausência ou número reduzido de formas perifrásticas.

²⁴ As duas primeiras dissertações de cada área correspondem ao período de 2000/2001; as outras duas correspondem a 2020/2021.

Tabela 1 - Correlação entre as formas perifrásticas e subfunções temporais
 por autor(a)/dissertação em cada área

Domínio funcional de tempo futuro do presente						
Subfunções	Indeterm.	Metadisc.	Histórico	Determ.	F. do futuro	Total
Dissertação/ Formas	N / %	N / %	N / %	N / %	N / %	N = 100%
LIN1 Ppres	18 / 62	3 / 10,5	0 / 0	1 / 3,5	7 / 24	29
PFut	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0
LIN2 PPres	9 / 43	12 / 57	0 / 0	0 / 0	0 / 0	21
PFut	4 / 100	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	4
LIN3 PPres	1 / 100	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	1
PFut	28 / 26	2 / 2	74 / 68,5	1 / 1	3 / 2,5	108
LIN4 PPres	11 / 100	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	11
PFut	15 / 100	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	15
T PPres	39 / 64	15 / 25	0 / 0	0 / 0	7 / 11	61
PFut	47 / 37	2 / 1,5	74 / 58,5	1 / 0,5	3 / 2,5	127
Total geral	86 / 45,5	17 / 9	74 / 39,5	1 / 0,5	10 / 5,5	188
MAT1 Ppres	0 / 0	1 / 11	0 / 0	8 / 89	0 / 0	9
PFut	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0
MAT2 PPres	0 / 0	11 / 55	0 / 0	9 / 45	0 / 0	20
PFut	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0
MAT3 PPres	0 / 0	8 / 33,5	0 / 0	16 / 66,5	0 / 0	24
PFut	0 / 0	2 / 33,5	0 / 0	4 / 66,5	0 / 0	6
MAT4 PPres	1 / 1,5	34 / 53	0 / 0	25 / 39	4 / 6,5	64
PFut	0 / 0 /	2 / 100	0 / 0	0 / 0	0 / 0	2
T Ppres	1 / 1	54 / 46	0 / 0	58 / 49,5	4 / 3,5	117
PFut	0 / 0	4 / 50	0 / 0	4 / 50	0 / 0	8
Total geral	1 / 1	58 / 46,5	0 / 0	62 / 49,5	4 / 3	125
DIR1 Ppres	1 / 14,5	0 / 0	6 / 85,5	0 / 0	0 / 0	7
PFut	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0
DIR2 PPres	0 / 0	0 / 0	1 / 100	0 / 0	0 / 0	1
Pfut	11 / 85	0 / 0	1 / 7,5	1 / 7,5	0 / 0	13
DIR3 Ppres	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0 / 0	0
PFut	2 / 16,5	2 / 16,5	7 / 58,5	0 / 0	1 / 8,5	12
DIR4 PPres	1 / 8,5	2 / 16,5	9 / 75	0 / 0	0 / 0	12
PFut	1 / 50	1 / 50	0 / 0	0 / 0	0 / 0	2
T PPres	2 / 10	2 / 10	16 / 80	0 / 0	0 / 0	20
PFut	14 / 52	3 / 11	8 / 30	1 / 3,5	1 / 3,5	27
Total geral	16 / 34	5 / 10,5	24 / 51	1 / 2	1 / 2	47

Fonte: Adaptado de Sarate (2023).

Os resultados dizem respeito apenas ao domínio funcional de *tempo futuro do presente* (360 dados), excluindo-se da tabela: 19 ocorrências de *ir* (presente) + Inf

de funções ambíguas que mesclam tempo futuro e modalidade deôntica, todas em MAT1 (como em (7)); e 6 ocorrências desse mesmo tipo de perífrase na função de modalidade deôntica imperativa (como em (6)), 4 delas em MAT1, uma em MAT3 e uma em LIN1, que é uma dissertação com abordagem formal. Com essa exclusão de dados (que expressam futuridade, mas não tempo futuro), os resultados da tabela podem ser vistos também na perspectiva da variação linguística, pois os dois tipos de perífrase são potencialmente intercambiáveis em todos os contextos. A variação, porém, não é o foco principal da discussão.

Na tabela, as linhas sombreadas ao final de cada área apresentam T (total de cada forma perifrástica com os respectivos percentuais por função na área; e total geral (soma dos dois tipos de perífrase e respectivos percentuais por função na área). Os 360 dados de perífrase *ir* + Inf somados na tabela equivalem a 27,5% do total geral de 1.313 ocorrências de formas verbais de futuro simples e de perífrases que compõem o *corpus* analisado por Sarate (2023).²⁵

Atentemos, inicialmente, para a coluna do *total de cada área*. O somatório das ocorrências por área mostra que o Direito é a área que mais restringe o uso da forma verbal inovadora (47 ocorrências), ao passo que as demais áreas contabilizaram bem mais de 100.²⁶ Observando a linha inferior do total de cada forma perifrástica por área, chama a atenção o fato de a forma *ir* (futuro) + Inf suplantarem *ir* (presente) + Inf nas áreas de Linguística (127 e 61 ocorrências, respectivamente) e Direito (27 e 20 ocorrências, respectivamente), enquanto Matemática se revela um campo resistente a essa forma supostamente ainda mais inovadora que *ir* (presente) + Inf (8 ocorrências de Pfut e 117 ocorrências de Ppres). Assim, *na instância da área ou subesfera do gênero dissertação, a forma perifrástica mostra comportamento diferenciado em termos de frequência de uso.*

²⁵ Sarate (2023) analisou separadamente as formas verbais usadas na expressão de futuridade, encontrando o seguinte resultado: futuro simples (*apresentaremos*) = 70,5%; perífrase *ir* (presente) + Inf (*vamos apresentar*) = 17%; e perífrase *ir* (futuro) + Inf (*iremos apresentar*) = 12,5%. Para efeitos da discussão neste artigo, estamos considerando somente as perífrases.

²⁶ No cômputo geral do *corpus* analisado por Sarate (2023), 47 ocorrências (no Direito) correspondem a 10% das formas verbais que expressam futuridade nessa área, ficando 90% com a forma simples; 189 ocorrências (na Linguística, incluindo uma de modalidade deôntica imperativa) equivalem a 42% das formas verbais da área, com 58% de forma simples; e 149 ocorrências (na Matemática, incluindo 19 ambíguas e 5 imperativas) correspondem a 38% das formas verbais, com 62% de forma simples na área.

Quanto às *(sub)funções* desempenhadas pela perífrase, as áreas também apresentam especificidades. Os resultados expostos na linha do total geral de cada área mostram que: i) em LIN, as subfunções preferidas são de futuro indeterminado (45,5%) e de futuro histórico (39,5%), invertendo-se a ordem de preferência em DIR, com futuro histórico (51%) e futuro indeterminado (34%); ii) em MAT, as subfunções predominantes são de futuro determinado (49,5%) e metadiscursivo (46,5%). Além disso, MAT não apresenta futuro histórico e LIN e DIR têm apenas um dado de futuro determinado. O caráter diferenciado da Matemática também fica evidenciado no uso categórico da função identificada como ambígua e no uso quase que categórico da modalidade deôntica imperativa, que funciona como um convite ao leitor para acompanhar um raciocínio.

Na instância das áreas, cabe ainda um apontamento acerca das *(sub)funções* mais características de cada campo, tendo em vista o conteúdo temático. As diferentes configurações das áreas se refletem em preferências de cada campo por determinadas *(sub)funções* no que tange à perífrase: o futuro histórico e o futuro indeterminado são característicos dos modos de enunciação da Linguística e do Direito, aparecendo em exposições retrospectivas, nas fundamentações teóricas e em argumentações que se projetam a partir dessas exposições e de análises de dados; já o futuro determinado e a modalidade deôntica imperativa são típicos de textos que primam pela objetividade e pelo rigor da demonstração passo-a-passo, como é o caso da Matemática (e também da Linguística formal). Além disso, podemos notar, em um olhar vertical para a tabela, que a subfunção que atravessa de modo mais consistente as três áreas é a metadiscursiva, o que pode sinalizar ser esta uma função característica do gênero dissertação de mestrado.

Na *relação entre formas e subfunções*, também notamos especificidades nas áreas. Em LIN, *ir* (presente) + Inf é a forma preferida para expressar futuro metadiscursivo e futuro do futuro, compete com o outro tipo de perífrase em contextos de futuro indeterminado e não aparece nas demais funções temporais; *ir* (futuro) + Inf, por sua vez, é a forma categoricamente usada para expressar futuro histórico e suplanta a outra perífrase na expressão de futuro indeterminado. Em MAT, *ir* (presente) + Inf é a forma que predomina nas funções que aparecem na

área, e *ir* (futuro) + Inf apresenta apenas algumas ocorrências como futuro metadiscursivo e determinado. Em DIR, *ir* (presente) + Inf supera a outra perífrase em contexto de futuro histórico, e *ir* (futuro) + Inf é a forma mais recorrente com futuro indeterminado e metadiscursivo. *As áreas, portanto, acionam diferentemente as (sub)funções semântico-pragmáticas da perífrase*, embora compartilhem a maioria delas.

Diante desses resultados, poderíamos ser tentadas a concluir, com base na amostra analisada, que há uma especialização em relação ao uso da perífrase em cada uma das áreas de conhecimento, tanto em relação à *forma* como em relação à *função*, de modo que o que incide no caráter “relativamente estável” do gênero, flexibilizando sua regularidade, seriam as especificidades da instância das *subesferas* do gênero dissertação de mestrado. Essa seria, contudo, uma conclusão pouco cautelosa, embora plausível, como buscamos mostrar a seguir, considerando individualmente os(as) autores(as).

Examinando novamente a coluna do total, considerando agora *cada dissertação/autor(a)*, percebemos que Direito, embora apresente o número mais baixo de dados, é a área com distribuição mais equilibrada das formas verbais de perífrase de futuro entre as quatro dissertações. Em Linguística e Matemática, mais da metade das ocorrências estão concentradas em LIN3 e MAT4, respectivamente. Poderíamos supor que quanto maior o número de dados, maiores são as chances de se distribuírem pelas duas formas verbais e de desempenharem diferentes funções, o que teria reflexos na quantidade de zeros que aparecem na tabela concernentes às formas e à relação entre formas e funções. Tal suposição, no entanto, não se sustenta nos dados analisados, como veremos adiante.

Observando o *uso variável das formas* verbais, ainda em relação à coluna do total, notamos que nem todos os indivíduos acompanham a média das respectivas áreas. LIN1, MAT1, MAT2 e DIR1 usam categoricamente a perífrase *ir* (presente) + Inf; e DIR3 usa categoricamente *ir* (futuro) + Inf. A variação ocorre em sete das doze dissertações da amostra, porém sem seguir a mesma direção no interior de cada área: em MAT3 e MAT4 predomina *ir* (presente), de acordo com a média da área; DIR2 privilegia *ir* (futuro) ao passo que DIR4 privilegia *ir* (presente); e LIN2 usa mais

a perífrase *ir* (presente) + Inf, enquanto LIN3 e LIN4 fazem uso preferencial de *ir* (futuro), notadamente LIN3 cujo comportamento é quase categórico. Acerca dessa última dissertação, cabe observar que a autora usa 108 perífrases de *ir* (futuro) + Inf e apenas uma de *ir* (presente) + Inf, diferenciando-se significativamente dos(as) demais autores(as), comportamento que pode ser interpretado como de forte marca autoral.

Considerando as *subfunções* temporais, vemos que, em Linguística, a única dissertação que apresenta todas as subfunções é LIN3, justamente a que apresenta o maior número de ocorrências. Em Matemática, excluindo-se o futuro histórico que é ausente na área, MAT4 é a única dissertação que exhibe as demais subfunções. Em Direito, nenhuma das dissertações apresenta todas as subfunções. Poder-se-ia objetar que há uma implicação direta entre o número total de ocorrências e as subfunções preenchidas; contudo, em Direito, por exemplo, há dissertações com 12 ocorrências e quatro subfunções; ao passo que em Linguística há dissertações com 26 ocorrências e apenas uma subfunção; e em Matemática há dissertações com 30 ocorrências e duas subfunções. Podemos inferir, pois, que, embora o número de dados de cada texto possa interferir na distribuição das subfunções temporais, não é determinante para restringi-las.

Ainda colocando foco nas subfunções, verificamos, em relação ao *futuro indeterminado*, que todas as dissertações de Linguística apresentam esse uso (o que ratifica o resultado por área); no entanto, Direito praticamente concentra as ocorrências em DIR2, com poucos usos nas demais dissertações; e Matemática, como já vimos, apresenta apenas uma ocorrência de futuro indeterminado. Já os resultados para *futuro determinado* por dissertação corroboram os resultados por área, pois todas as dissertações de Matemática mobilizam essa subfunção, e apenas uma e outra dissertação das demais áreas manifestam usos esporádicos.

A subfunção *metadicursiva* também se manifesta diferentemente entre os(as) autores(as): predomina em MAT2, MAT3 e MAT4, mas é praticamente inexistente em MAT1; é forte em LIN2, aparece menos em LIN1 e LIN3 e não aparece em LIN4; tem escassas ocorrências em DIR3 e DIR4 e nenhuma em DIR1 e DIR2. O *futuro histórico* está em todas as dissertações de Direito, reforçando a análise que associa

essa subfunção à área; não aparece em Matemática e se faz presente apenas em LIN3 na Linguística, o que novamente remete à ideia de marca autoral.

Por fim, a subfunção de *futuro do futuro*, com apenas 15 ocorrências, pode envolver tanto um tempo determinado como indeterminado. O controle separado desse uso deve-se à complexidade estrutural que o cerca, pois o tempo futuro é projetado a partir de uma situação também futura, o que requer a construção de períodos sintaticamente complexos, como ilustrado em (3). São contextos que envolvem basicamente relações de condicionalidade e de temporalidade. Essa subfunção teve mais ocorrências em Linguística, onde apareceu em duas dissertações, sendo acionada também em uma dissertação de Matemática e em uma de Direito.

Resgatando as funções ambígua e de modalidade deôntica imperativa no âmbito da futuridade, verificamos que as 19 ocorrências da primeira e quatro usos imperativos se concentram em MAT1; apenas um uso imperativo aparece em MAT3. Isso pode ser visto como uma evidência de marca autoral.

Os resultados por dissertação indicam, portanto, que na amostra analisada há apenas uma simetria esparsa entre esses e as médias das áreas: *tanto o uso das formas verbais como a relação entre formas e (sub)funções não apresentam regularidade entre os(as) diferentes autores(as) em cada área.*

Considerações finais

Como fechamento, resgatamos alguns aspectos teórico-conceituais e buscamos juntar as pontas, agora com amparo na empiria, considerando que i) a noção de estilo, como um dos elementos constitutivos do gênero, permeia todas as suas instâncias (esfera acadêmica, gênero dissertação, *subesferas* e suas especificidades), na tensão entre a regularidade e a singularidade; ii) o conteúdo temático – envolvendo a área e subárea de conhecimento, o objeto de estudo e a finalidade discursiva – é fundamental para a questão do estilo; iii) não só a forma da perífrase *ir* + Inf mas também suas (sub)funções são recursos estilísticos acionados na prática discursiva emoldurada pelo gênero; e iv) a agência do sujeito, mediante suas escolhas linguísticas para o acabamento estilístico-composicional, pode

interferir na relativa estabilidade do gênero.

Quanto às *formas*, os resultados mostram que ambos os tipos de perífrase estão presentes na grande maioria das 12 dissertações. Trata-se, portanto, de formas verbais que circulam em textos escritos na esfera acadêmica, funcionando como variantes da variável tempo futuro do presente, e merecem mais atenção dos pesquisadores. Quanto às *(sub)funções*, verificamos que, em termos gerais, as *áreas* de conhecimento, devido a suas especificidades, mobilizam preferencialmente alguns usos. Além disso, percebemos que, embora a subfunção metadiscursiva não apareça em todas as dissertações, é a que mais se atualiza entre os autores e, em razão de seu papel na organização textual, pode ser tida como uma característica do *gênero*, potencialmente disponível para todas as áreas.

Não obstante certa regularidade observada nas diferentes áreas, quando consideramos isoladamente as dissertações, vimos que a média da área de modo geral não se reflete nos indivíduos. O comportamento individual pode ser interpretado como usos singulares, evênticos que a *relativa estabilidade* do gênero comporta; ou, em outras palavras, como estilos individuais.

Os resultados mostram que a dinâmica das relações entre formas e funções pode ser vista como recurso estilístico materializado em diferentes instâncias do gênero discursivo; que o indivíduo deve ter um lugar assegurado nas análises; e que qualquer generalização deve ser pensada com bastante cautela.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. M. O problema do autor. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. p. 173-192.
- BAUMAN, R. The ethnography of genre in a mexican market: form, function, variation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 57-77.
- BRAGANÇA, M. L. L. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos Variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de*

variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CASTILHO, A. T. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COUPLAND, N. The sociolinguistics of style. In: MESTHRIE, R. (ed.). *The Cambridge handbook of Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo*: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FLEISCHMAN, S. From pragmatics to grammar: diachronic reflections on complex pasts and futures in Romance. *Lingua*, Amsterdam, v. 60, n. 2/3, p. 183-214, jun./jul. 1983. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0024-3841\(83\)90074-8](https://doi.org/10.1016/0024-3841(83)90074-8). Acesso em: 12 jan. 2023.

GIBBON, A. *Trajatória de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro*: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GÖRSKI; E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação gramaticalização. In: BAGNO, M.; V. CASSEB-GALVÃO, V; REZENDE, T. (ed.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017. p. 35-63.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C.; *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LACERDA, M. L.; GÖRSKI; E. M. Potencial analítico dos gêneros do discurso para os estudos variacionistas. *SciELO Preprints*, São Paulo, p. 1-31, nov. 2022. DOI:10.1590/SciELOPreprints.5030

MALVAR, E.; POPLACK, S. O presente e o passado do futuro no português do Brasil. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (org.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil*: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 186-218.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SARATE, K. *A variação na expressão do futuro do PB*: uma análise em artigos acadêmicos. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pampa, Bagé/RS, 2019.

SARATE, K. *Formas e funções na expressão de futuridade em dissertações de mestrado: uma questão de estilo?*. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

SIMIONI, T.; GOMIDE, A.; SARATE, K. A variação na realização do futuro do presente em artigos acadêmicos. *Antares*, Caxias do Sul, v. 12, n. 25, p. 184-200, 2020. Disponível em:
<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/8207>.
Acesso em: 12 jan. 2023.

SILVA, R. C. P. *A representação do tempo futuro em textos escritos: análise em tempo real e em tempo real de curta duração*. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TRAUGOTT, E. C. Zeroing in on multifunctionality and style. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 127-136.

Recebido em: 09 abr. 2023
Aprovado em: 13 jul. 2023.

Revisor de língua portuguesa: Ana Carolina Guerreiro Piacentini
Revisor de língua inglesa: Otto Henrique Silva Ferreira
Revisora de língua espanhola: Juliana Moratto

